



O TEMA DE CASA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA

Jussara Vanz

Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Helena Salton

jussaravanz@hotmail.com

Neiva Ignês Grandó

Universidade de Passo Fundo

neiva@upf.br

Resumo

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que objetiva analisar o significado do tema de casa para estudantes do Ensino Fundamental na atividade de estudo. As informações foram obtidas junto a autores que tratam do tema e por meio de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa, abordando aspectos que pudessem evidenciar a visão dos mesmos sobre o tema de casa. Inicia com um retrospecto histórico em alguns países e pesquisas no Brasil, compondo o estado da arte e, num segundo momento mostra a análise da fala dos estudantes. Finaliza com algumas conclusões, evidenciando o significado atribuído ao tema de casa, tanto por parte dos autores em suas pesquisas como por parte dos sujeitos envolvidos no presente estudo.

Palavras-chave: Ensino fundamental; tema de casa; atividade de estudo.

1. Introdução

No Brasil, as tarefas que os professores solicitam aos alunos para fazerem fora do horário escolar possuem diferentes terminologias, como, por exemplo, tarefas de casa, lições para casa, deveres para casa, temas de casa, ou simplesmente, para casa.

A necessidade de pesquisar sobre temas de casa surgiu nos últimos anos da prática da professora, ao perceber que alguns estudantes não traziam os temas feitos e diziam que os pais não puderam ajuda-los, que não tiveram tempo para realizar a tarefa, ou que não haviam entendido o que era para fazer. Essas “desculpas” permeavam os momentos de reflexão sobre a prática das aulas. Então, deu-se início a busca por materiais que pudessem ajudar a refletir sobre essa rotina do tema de casa, a pensar no planejamento e desenvolvimento das aulas, e também no significado do tema de casa que a professora-pesquisadora estava construindo com os estudantes.

Além de alguns materiais, era preciso avançar na busca de mais informações, as quais foram obtidas junto a autores que tratam do tema de casa, autores da teoria histórico-cultural, focando a teoria da atividade e com estudantes do 5º ano de uma escola pública, da rede municipal do município de Passo Fundo/RS. Com estes, optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada e posterior transcrição, a qual abordava aspectos que pudessem evidenciar a opinião dos mesmos a respeito do tema de casa.

Muitas pesquisas existentes sobre o tema focam o trabalho dos professores, a participação familiar nesse momento de realização do tema de casa, porém, quase não há estudos focando o olhar dos estudantes sobre o tema de casa, por isso, justifica-se a necessidade de ouvir a opinião dos mesmos sobre o assunto.

A pesquisa partiu do princípio de que o tema de casa consiste de uma atividade de estudo, e que fazendo parte do planejamento, contribui para o processo de aprendizagem e do hábito de estudo individualizado dos estudantes.

Adotamos como referencial a teoria histórico-cultural por concordarmos com Vigotski (1998) quando menciona que o desenvolvimento das funções psicológicas do ser humano é um processo decorrente da cultura e da história, ambas fazem parte da natureza de cada pessoa.

Nesse processo de desenvolvimento dos estudantes, o autor atribui à escola um papel importante. Em suas palavras: “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento, que de outra forma, seria impossível de acontecer.” (1998, p. 118). Nesse sentido, o papel do tema de casa para os estudantes pode ter relação com a vivência que os mesmos tiveram ao longo dos anos com o tema de casa, com o desenvolvimento das aulas, com o planejamento, com o modo como os professores e familiares tratam esse assunto.

Também nos apoiamos nos estudos de Davídov e Márkova (1987), pois, concordamos com esses autores no fato de que a atividade de estudo oferece a possibilidade de transformações internas, ou seja, na psique dos estudantes e como consequência o desenvolvimento dos mesmos.

Assim sendo, como o tema de casa é uma das atividades de estudo que os estudantes podem realizar, acreditamos que seja mais uma oportunidade para a aprendizagem e que influenciará no desenvolvimento destes.

Após a coleta de vários textos que versam sobre o assunto, passamos a referir alguns deles para compor uma breve linha histórica sobre o assunto e também resultados de pesquisas sobre o tema deste artigo. Posteriormente buscamos elencar algumas relações

entre as manifestações dos alunos sobre os temas de casa e os conceitos de sentido, significado, atividade, zona de desenvolvimento proximal (ZDP), especialmente no que dizem os autores Vigotski, Davídov e Márkova.

2. Recorte histórico e pesquisas sobre o tema de casa

Inicialmente consideremos a formulação de Libâneo (1994) para tarefa de casa: “é um importante complemento didático para a consolidação, estreitamente ligada ao desenvolvimento das aulas. A tarefa para casa consiste de tarefas de aprendizagem realizadas fora do período escolar.” (p. 192).

Partindo desse enunciado, almejávamos verificar como as tarefas de casa foram introduzidas, o que estava registrado sobre elas. Sobre essa questão Paula (2000) realizou um retrospecto em seus estudos, focando nas instruções prescritas aos professores. A autora encontrou na obra de Foyle alguns registros sobre o surgimento da prática das tarefas de casa na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos.

O primeiro registro que pode ser considerado tarefa de casa, porém não com essa denominação, aconteceu nos anos 1700, na Inglaterra. Naquela época, as crianças frequentavam as escolas aos domingos. Os alunos levavam livros para casa que deveriam ser lidos ou analisados e posteriormente eram feitas as lições na escola. Um dos objetivos dessa escolarização era retirar as crianças da rua e do trabalho infantil, substituindo esse trabalho pelas tarefas escolares. (FOYLE, 1992 apud PAULA, 2000, p. 43).

Outro registro data de 1904, na Alemanha, onde se realizou a “primeira pesquisa experimental sobre os deveres”, focando a relação entre escola e saúde. A partir dessa pesquisa, os deveres de casa passaram a ser condenados, pois produziam ansiedade nos alunos, além de não proporcionarem a prática de hábitos e postura adequados nos estudos de casa. Em razão disso, eles defendiam que deveria ser abolida a prática, em casa, de tarefas escolares que prejudicassem a saúde dos estudantes. (FOYLE, 1992 apud PAULA, 2000, p. 43).

Segundo Foyle, um artigo divulgado no Ladies Home Journal, em 1913, foi o marco histórico sobre tarefas de casa nos Estados Unidos. O mesmo propunha extinguir essas tarefas das escolas públicas porque considerava “desperdício de tempo, sendo nem natural, nem saudável”, já que as crianças passavam boa parte do tempo extraescolar fazendo tarefas ao invés de brincar. (FOYLE, 1992 apud PAULA, 2000, p. 44).

Avançando no tempo, na década de 1970, a ênfase volta-se para as “competências e habilidades” adquiridas a partir da realização das tarefas de casa. Com isso emerge uma proposta de tipificá-las em preparação, prática e extensão e criatividade, visando auxiliar o desenvolvimento dessas habilidades e competências nos alunos. (FOYLE, 1992 apud PAULA, 2000, p. 45). Desse modo, os professores, ao solicitarem as tarefas deveriam considerar se as mesmas possibilitavam praticar conteúdos vistos na aula, se contribuía para desenvolver a criatividade, se a extensão não era pouca, nem exagerada e se visava preparar os alunos para a aula seguinte.

Nesse contexto americano, o relatório “Uma Nação em Risco” recomendava aos educadores que solicitassem mais deveres de casa, pois este era visto como um meio de os alunos estudarem e aprenderem mais, praticamente sem custos para o Estado. Segundo Paula (2000), as pesquisas americanas mais recentes indicam que pais, alunos e professores desejam tarefas de casa e que há relação entre resultados acadêmicos e tempo disponibilizado para a realização dessas tarefas de casa.

No Brasil, esse é um assunto recente, possui menos de 40 anos, e pouco pesquisado. As referências que existem versam sobre pesquisas com três segmentos envolvidos: o trabalho do professor, a relação da escola com a família e os alunos, os quais serão mencionados a seguir.

O primeiro estudo data de 1986, no qual Assis observou e registrou as orientações prescritas aos alunos para as tarefas de casa em uma turma de 1ª série¹. Com esse estudo, a autora observou que o momento da realização das lições de casa pode ser “um espaço que possibilite o aprofundamento do conteúdo, a criação de hábitos, de sistematização da aprendizagem, de estudo e de reflexão.” (ASSIS, 1986 apud PAULA, 2000, p. 47- 48).

Passados dez anos, outra pesquisa procurou “mostrar a relação entre rendimento escolar e tarefas de casa, na disciplina de Matemática”. Depois de observar a sala de aula de 3ª e 4ª séries, entrevistar as professoras, pais, alunos e a direção da escola, a autora concluiu que “parece existir uma relação entre rendimento escolar e tarefas de casa.” (RODRIGUES, 1996, apud PAULA, 2000, p. 49). Em seu texto, sugere aos gestores que nas reuniões da escola com os pais o assunto tarefas de casa seja incluído na pauta, com instruções a respeito das tarefas, enfatizando sua importância para os pais.

Em 1997, Almeida realizou uma pesquisa qualitativa, observando aulas de inglês de três 7ª séries, em três escolas da cidade de São Paulo, das quais duas eram particulares e

¹ No Brasil, Ensino Fundamental de oito anos.

uma pública, entrevistando professores e alunos a respeito do tema. Especificamente sobre as lições de casa, a autora focalizou em seu estudo, as seguintes categorias:

[...] conceitos e funções da lição de casa, a prática de sistematização e de rotinização, avaliação continuada, o conceito de sala de aula e extensão da sala de aula em cada abordagem. Assim como as crenças sobre o papel do aluno e crenças sobre o papel do professor, bem como o conceito de lição de casa para o aluno, de acordo com os sujeitos de sua pesquisa. (ALMEIDA, 1997 apud PAULA, 2000, p. 50).

Paula (2000) encontrou muitas prescrições feitas pelos manuais aos professores, sobre as tarefas de casa, sendo que as primeiras estavam contidas no *Ratio Studiorum*. Este consistia no Plano de Estudos da Cia de Jesus, ou seja, regimentava um conjunto de regras práticas para serem aplicadas aos colégios jesuítas no século XVI, inclusive aqui no Brasil, cuja edição final data de 1599. (p. 64).

Para exemplificar, algumas prescrições feitas por Nérici incentivar o aluno a trabalhar por si; ajudar a tornar-se independente; habituar à procura; pôr em prática o que foi aprendido; estimular a leitura, a observação, a reflexão e o trabalho individualizado. Ainda, que o professor proponha no final da aula, uma questão desafiadora, com base no assunto estudado, para ser discutido no dia seguinte, “questão que pode funcionar como um verdadeiro fermento intelectual”. (1988, p.179).

Gonçalves (1982) justifica e prescreve a prática da tarefa porque “é a atividade que tem como objetivos a aplicação e a elaboração da aprendizagem, com base na reflexão do pensamento.” (p. 254). Ainda, de acordo com a autora, o professor deve preparar as tarefas respeitando o nível da turma e estar relacionada com o assunto tratado na aula.

Um estudo mais recente sobre as tarefas de casa, com enfoque na relação com a família, foi realizado por Resende (2008). Ao investigar a prática e as concepções sobre o tema de casa, em camadas populares e médias, em três turmas de 3ª série do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas e uma privada, fez as seguintes constatações: as famílias acreditam na importância de acompanhar a vida escolar dos filhos, especialmente os deveres de casa; há desigualdades tanto no acompanhamento das famílias como nas “ofertas educacionais das escolas.” (p. 385).

Nogueira (2002) entrevistou 254 alunos da pré-escola e ensino fundamental, 134 pais e 48 professores, inicialmente em Goiânia/GO, ampliando para diferentes locais do

Brasil, em aproximadamente oito anos de pesquisa. A autora optou pela denominação tarefas de casa, por ser a expressão que mais foi citada pelos sujeitos de sua pesquisa. Também analisou textos de Comênio e Herbat para identificar qual teria sido o primeiro a teorizar sobre tarefas de casa. Concluiu ser Herbat o teórico precursor das tarefas de casa, o qual criou um processo de instrução com quatro passos formais, a saber: clareza (ou preparação e apresentação); associação; sistematização e método (ou aplicação). Na percepção de Nogueira, este último indicaria o momento de o aluno praticar e exercitar o que viu e ouviu na aula, podendo ser durante o período de aula ou em outros momentos, fora da aula, na biblioteca, em casa, por exemplo.

Sendo assim, essa autora mostra que o último passo faz parte da aula, mas não significa que tem que ser durante o período escolar, por isso, as tarefas de casa, intrínsecas à aula, necessitam ser pensadas e planejadas pelos professores com objetivos, visando à construção da aprendizagem, mesmo fora da sala de aula. (2002, p. 43). Por outro lado, defende que crianças da educação infantil e da 1ª série do Ensino Fundamental não deveriam ter tarefas de casa, porque caracteriza uma violência com as mesmas, consentida por pais e professores, pois, em muitos casos, para fazer tarefas solicitadas pelos professores, as crianças deixam de brincar. Traz também outras justificativas, a saber:

[...] o tempo que a criança fica na escola é suficiente para ela realizar as atividades referentes aos seus estudos. Além do mais, ela precisa no mínimo ter domínio da leitura e da escrita para poder fazer a TC [tarefas de casa] por si mesma, sem depender de outrem. É preciso pôr um ponto final na “TC dos pais”. Eles não devem, não podem e não precisam ajudar os filhos nessa tarefa. (p. 127).

De acordo com essa visão os educadores precisariam rever a prática das tarefas de casa para as crianças menores, especialmente as que exigem acompanhamento dos pais. Quanto às tarefas para os alunos dos anos seguintes, a autora sugere que a escola programe e planeje as mesmas com “dosagem, escalonamento e periodicidade” para que seja prazerosa, desafiadora, tenha significado para eles, evitando assim o desinteresse por esse estudo individual. (NOGUEIRA, 2002, p. 128).

Quanto à participação dos pais, Nogueira reconhece o papel deles, mas faz uma ressalva: “os pais ao assumirem as obrigações do filho contribuem para a formação de cidadãos irresponsáveis por seus atos e no caso do tema de casa, dificultam a aprendizagem ao invés de facilitá-la.” (2002, p. 123).

Outra pesquisa sobre o assunto foi realizada por Wiezzel (2003), na qual investigou as práticas escolares de quatro turmas de 1ª série do Ensino Fundamental do município de Presidente Prudente/SP. Verificou que a tarefa de casa naquele contexto não contribuía para o processo de ensino e aprendizagem, mas para o “automatismo com treinos”, pois eram atividades repetitivas, que pouco desafiava os estudantes. (p. 89). A autora defende uma sensibilização dos professores, no sentido de refletirem sobre as aprendizagens significativas dos seus alunos, como primeiro passo para a “modificação da situação das tarefas de casa e conseqüentemente à qualidade do ensino, diante das novas exigências sociais.” (p. 99).

Nesse sentido, Carvalho, Nascimento e Paiva observaram a relação do planejamento com os deveres de casa de quatro turmas de 4ª série de escolas públicas de João Pessoa/PB. Constataram que em duas turmas o dever de casa era articulado com o planejamento, já nas outras duas não passava de uma atividade mal articulada ao processo ensino-aprendizagem e, de certa forma, não significativa para a aprendizagem dos alunos. Ainda, que a prática dos deveres de casa articula-se de forma precária com o planejamento dos professores, fato que “não tem obtido sucesso generalizado”, pois “depende das condições familiares e do bom planejamento pedagógico”. Segundo as pesquisadoras, são urgentes inovações pedagógicas que superem as referências que os professores têm sobre o dever de casa, considerando-o como “parte intrínseca da aula”, portanto, atividade merecedora de planejamento adequado. (2006, p. 341).

Em outro estudo, Carvalho (2006) buscou analisar as novas políticas educacionais no que se refere ao maior envolvimento dos pais com a escola, seja nos eventos, seja com os deveres de casa. Verificou que em algumas políticas públicas da década de 2000, a família é considerada uma auxiliar no sucesso escolar dos alunos, porém aponta conseqüências quanto à diferença de gênero (mães versus pais), de classe econômica (ricos versus pobres), dos pais/mães que venham a assumir o papel de professores coadjuvantes dos filhos. Argumentou sobre a existência de escolas que sobrecarregam os alunos de deveres e que, em muitos casos, são as mães de classe econômica média e mais elevada que os ajudam ou que contratam professoras particulares. Em contrapartida, as mães de classe econômica baixa, além de terem que trabalhar para sustentar a casa, não têm tempo para ajudar e nem podem pagar alguém para auxiliar. Em ambos os casos, a participação dos pais/homens nessa tarefa é mínima, reforçando a ideia da diferença de gênero.

Ainda, segundo Carvalho e Serpa, quando se muda o olhar da qualidade da educação da escola para a família se “reforça a desigualdade de aprendizagem, fazendo a

avaliação do estudante corresponder à avaliação do desempenho das mães.” Além disso, criticam a visão classista do modelo nuclear de família que “reforça a culpa pelo fracasso escolar das famílias que nele não se enquadram”. (2006, p. 35-36).

Também nesse viés familiar, Weinberg e Borges (2009) divulgaram que a maior participação familiar na vida escolar tem o efeito de elevar as notas em 15%, segundo dados da pesquisa do Instituto de Ensino e Pesquisa de São Paulo (Insper). Após comparar os índices de participação dos pais brasileiros com os pais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)², o estudo apontou três motivos para a baixa participação dos brasileiros: a baixa escolaridade dos pais, que por não terem estudado tempo considerável, não desenvolveram o hábito de estudar e por isso não conseguem repassar aos filhos hábitos que não têm; a educação não tem devida importância, aparece em quinto lugar na lista de prioridades; e a ideia de que a escola deve se encarregar sozinha da educação. Esse último também é relacionado com outros países latinos onde há maior dependência do Estado e uma tendência a terceirizar a educação.

Com o enfoque no trabalho docente, cabe mencionar a Nova Escola que trouxe reportagens de capa sobre o assunto. A primeira prescreve aos professores, no subtítulo da reportagem, “Diga aos pais: “a tarefa de casa é do aluno”, no decorrer do texto explicita a responsabilidade da família quanto ao dever de casa. Cabe a ela organizar um lugar e horário adequados, e providenciar o material necessário para a realização das tarefas de casa. (PELLEGRINI, 1999, p. 12). A segunda traz novamente o assunto lição de casa, agora com enfoque mais centrado no trabalho dos educadores. A reportagem de capa anuncia: “Lição de casa: saiba como planejar, propor, corrigir e avaliar atividades que ajudam o aluno a aprender mais e ganhar autonomia no estudo.” (FERNANDES, 2011). De acordo com essa última autora, “quando é desafiadora, a lição de casa desenvolve a autonomia do aluno e fornece valiosas informações sobre o trabalho do professor. Para fazer deste recurso um aliado, quatro etapas são fundamentais: planejamento; orientação; correção e avaliação.” (p. 45).

Ainda versando sobre os processos escolhidos pelos professores quanto às tarefas de casa, a revista do LEME³ apresentou em 2005 um dossiê com 12 textos relatando experiências com os deveres de casa. Um dos textos mencionava que após entrevistas com professores, identificaram diversos tipos de tarefas de casa, com diferentes objetivos, os

² OCDE é uma organização de 34 países, os mais ricos do mundo, com sede em Paris, na França que visa promover políticas para o desenvolvimento econômico e social de pessoas por todo o mundo. Também busca combater a corrupção e a evasão fiscal.

³ Laboratório de Estudos sobre Mudanças na Escola, do Colégio Andrews, escola particular, localizado no Rio de Janeiro.

quais foram relacionados com os estudos de Nogueira (2002) e também a partir das provocações feitas por ela, verificando algumas coincidências. De forma geral, os temas de casa, foram organizados em seis categorias: quanto ao objetivo; ao tipo de autor (individual ou em grupo); ao prazo (curto, médio, longo); a quem encomenda o dever (o professor, o aluno, ambos de modo negociado); à fonte utilizada e à natureza (que tipo de dever é solicitado). Sugere que cada escola faça a sua tipologia e reveja alguns objetivos que busca com os deveres solicitados aos alunos, especialmente os que privilegiem a criticidade dos mesmos. (PADILHA, 2005, p. 13-14).

Após esse recorte histórico e a observação de algumas pesquisas sobre o tema de casa, pode-se perceber que, nos últimos anos, apesar de ser uma prática difundida e exigida dos alunos, por muitos professores, ainda não está suficientemente explorada como objeto de estudo. Por esse motivo, pode-se justificar a pesquisa em questão sobre o tema de casa, cujo olhar volta-se para o que pensam os estudantes sobre essa prática rotineira.

3. Significado do tema de casa na percepção dos alunos

Este item contém a análise dos dados, obtidos a partir das entrevistas feitas com alunos, de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Passo Fundo/RS, no período de outubro a dezembro de 2012.

O material que apoia essa investigação preliminar é formado por quatro entrevistas gravadas em áudio e posteriormente transcritas, objetivando identificar qual é o significado do tema de casa no processo de aprendizagem a partir das contribuições dos alunos.

As categorias descritivas de análise foram: motivos pelos quais os professores dão tema de casa e motivo para a realização do tema de casa; participação dos familiares e autonomia.

Convém mencionar que não será feita análise de forma linear, uma vez que as categorias possuem relações entre si, por vezes se entrelaçando.

A análise das primeiras entrevistas mostrou que, para todos os entrevistados, os professores dão tarefas de casa visando à aprendizagem. Um deles mencionou que os professores desejam saber se os alunos são capazes de realizar as tarefas, sozinhos. Também consideram como motivos para realizarem o tema de casa: aprender mais; melhorar a capacidade; mostrar para a professora o que aprendeu e a responsabilidade que tem; para ficar um pouco mais inteligente; para não “rodar” (reprovar); para não levar “pito” da professora.

Tendo em vista essas opiniões, pode-se reportar à teoria histórico-cultural quando atribui significativa importância à tarefa da qual a escola se ocupa socialmente, ou seja, o ensino sistematizado. Sabe-se que ele influencia o desenvolvimento das crianças, especialmente na fase escolar, ao mesmo tempo em que proporciona aos alunos os conhecimentos desenvolvidos ao longo do processo histórico e cultural da humanidade. (VIGOTSKI, 1998).

Ainda segundo essa teoria, a partir do momento que os alunos atribuem sentido ao tema de casa é porque possuem um motivo para fazê-lo, o qual direciona suas ações para a realização da atividade de estudo como um todo.

Para Davídov e Márkova, ao ingressar na escola, as crianças iniciam uma nova fase em sua vida, trazendo modificações na organização externa e interna das mesmas. Além disso, esses autores destacam que “la actividad de estudio es, ante todo, aquella actividad, cuyo producto son las transformaciones en el alumno. Se trata de una actividad de autotransformación; en esto consiste su principal particularidad⁴.” (1987, p. 324).

Segundo o entendimento dos entrevistados, todos consideram que fazer o tema de Matemática é uma forma de estudar, porque ajuda a pensar, a mostrar o que aprendeu, a automatizar a tabuada, serve para aprender mais e, por ser uma matéria do colégio, é estudo.

Nesse sentido, percebe-se que os alunos consideram que fazer o tema de casa proporciona transformações para eles, concordando com a afirmação anterior dos autores sobre a atividade de estudo e com a qual também concordamos.

Partindo do pressuposto que o tema de casa constitui-se em uma ação da atividade de estudo para os alunos, estes, além de realizar o tema de casa solicitado pela professora, relatam que leem livros (de literatura) retirados da biblioteca da escola; dois leem gibis e mangás; um deles lê em voz alta para “melhorar a minha leitura”; dois resolvem continhas que as mães passam para eles; um relatou que copia problemas matemáticos já resolvidos em uma folha de rascunho e refaz, depois verifica se acertou, e se está errado, apaga e tenta de novo; outro informou que pesquisa no livro o que já aprendeu.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual fazem esses estudos extras, justificam dizendo que “pra aprender mais, saber mais coisas, pra evoluir.”; para “escrever cada vez melhor daí eu leio pra conseguir.”; “melhorar nossa capacidade [...] aprender uma coisa que a professora ainda não passou. Isso é legal, daí tu pode ensinar a todos.”

⁴ Tradução livre da citação: A atividade de estudo, é, antes de tudo, aquela atividade, cujo produto são as transformações no aluno. Trata-se de uma atividade de autotransformação; nisto consiste sua principal particularidade.

Os depoimentos desses alunos vêm ao encontro da ideia de Davídov e Markóva (1987, p. 324) de que a atividade de estudo proporciona a transformação dos alunos e seu consequente desenvolvimento. Essa transformação ocorre a partir do momento em que o aluno adquire novas capacidades de agir com os conceitos científicos. Por esse motivo, os autores consideram que a atividade de estudo é uma atividade de autotransformação para o aluno.

Quanto ao acompanhamento dos familiares na resolução dos temas de casa, todos se mostraram favoráveis, sugerindo formas pelas qual pode se dar o acompanhamento. A partir das entrevistas, destacam-se as seguintes ideias: “dando dicas para chegar na resposta”; “perguntando se tem tema, passando uma lista de contas e depois corrigindo”; “de ficar ao lado sempre, ensinando e mostrando o que é o certo e o errado”; “olhando os cadernos para saber se tem um trabalho de casa e se esse trabalho foi feito pelo filho”.

De acordo com essas sugestões dos alunos, pode-se inferir que, conseguem fazer os temas de casa sozinhos, mas a participação familiar nesse momento é considerada importante por eles.

Nesse sentido, sabe-se, pelos estudos de Vigotski, que existem dois níveis de desenvolvimento nos estudantes, o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O que eles conseguem fazer de forma independente, autonomamente, revela o nível de desenvolvimento real. Em contrapartida, aquilo que eles consegue fazer com auxílio de outro estudante mais experiente ou de um adulto mostra o nível de desenvolvimento potencial deste estudante.

Assim, o autor definiu a ZDP, uma zona do desenvolvimento proximal na qual o aluno ainda não consegue resolver um problema por conta própria, precisando de ajuda. Quando os alunos declaram precisar da ajuda para fazer o tema de casa, pode-se considerar que o desenvolvimento está em processo, ainda não são capazes de resolver as tarefas de casa de modo autônomo.

Ainda sobre ZDP, complementa que “permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação.” (VIGOTSKI, 1998, p. 113). Nesse sentido, acredita-se que esses alunos atingirão um novo nível de desenvolvimento real a partir do momento que puderem agir de modo autônomo em relação ao cumprimento do tema de casa e de modo mais amplo na atividade de estudo, se for proporcionado a eles um tema de casa com nível de complexidade igual ou superior ao que ele já fez em outro momento.

Por isso, pensamos ser importante o professor observar atentamente seus alunos e planejar atividades de tema de casa que possam auxiliar os alunos a alcançarem um novo nível de desenvolvimento real.

Quanto à autonomia dos alunos para fazer os temas de casa, constata-se que dois recordam sozinhos do tema, pois possuem horários definidos para a realização do mesmo e, conseqüentemente, poucas vezes precisam de ajuda; os outros dois, às vezes, precisam ser lembrados. Percebe-se que os alunos que apresentam maior autonomia para lembrar de fazer os temas de casa, possuem horário pré-determinado, mais precisamente, logo que retornam da escola, depois do jantar, em torno das dezenove horas.

Nesse sentido, concordamos com Davídov e Márkova (1987) ao afirmarem que, com a ajuda dos mais velhos, ou mais experientes, os alunos passam a internalizar essas regras, essas ações, colaborando com a ampliação do domínio de conhecimentos, hábitos e habilidades.

Ainda pensando no tema de casa como parte do processo de aprendizagem, concordamos com Wood (2003, p. 258) quando destaca o papel do professor, no sentido de evitar a repetição de uma mesma estratégia matemática, pois segundo o autor, ao contrário de promover a aprendizagem, “acaba por ‘cegar’” o aluno na busca de outros procedimentos para a resolução dos problemas que surgem na escola, e, conseqüentemente, no futuro.

Acreditamos que ao compreender e seguir o conselho de Wood, evitando repetições, o professor modifica as ações das atividades de estudo dos alunos, contribuindo assim para que os mesmos possam internalizar várias ações, possam buscar diferentes maneiras de chegar à solução dos problemas, e para o processo de aprendizagem.

4. Resultados Parciais da Pesquisa

Até este momento, pode-se dizer que o tema de casa é uma das ações da atividade de estudo que visa à aprendizagem e, com isso, o desenvolvimento das crianças, pois para Vigotski,

[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (1998, p. 117-118).

Nesse sentido, o tema de casa pode auxiliar as crianças a construir uma relação de responsabilidade e de autonomia com suas aprendizagens; oportunizar interações com os familiares, com os colegas e professores; favorecer o hábito da atividade de estudo individual; contribuir para a aprendizagem, quando são motivadas para realizarem ações com este objetivo, e conseqüentemente, contribuir para ampliar os níveis de desenvolvimento real e potencial da criança.

Ao pensar que essas ações fazem parte da aula, e também são continuação da mesma, necessitam de planejamento, orientação, correção e avaliação por parte dos professores, para que, ao serem sugeridas aos alunos possibilitem a aprendizagem de ambos.

Sendo a aprendizagem, um dos objetivos da escola para com as crianças, além de oportunizar o conhecimento científico elaborado pela humanidade ao longo de sua evolução, também contribui para o desenvolvimento intelectual e geral das mesmas. Para que esse objetivo seja alcançado sem muitas dificuldades, os familiares podem ser grandes parceiros dos professores e encorajar as crianças nessa responsabilidade.

Algumas sugestões foram encontradas nas pesquisas, que os professores podem informar aos familiares a necessidade de demonstrar interesse pelo que os alunos estão aprendendo na escola, criar espaços físicos e temporais para que os mesmos possam realizar as ações de estudo, dar autonomia para a criança decidir a estratégia na solução de um problema, não realizar o tema de casa pela criança.

Concordando com Nogueira (2002), é importante pensar que o estudo não acaba ao sair do turno da escola, ele deve continuar em casa sob a forma de tarefas, de estudo individualizado, pesquisa, retomada das atividades da aula, com o apoio dos familiares, não “terceirizados” como menciona a autora.

O processo de ensino-aprendizagem deve ser visto numa perspectiva ampliada, especialmente pelos educadores, independente de metodologias e propostas pedagógicas que acreditem, precisam atuar de maneira responsável e comprometida com a aprendizagem dos educandos, valorizando o esforço dos mesmos na realização das tarefas e a participação da família.

Nesse sentido, tanto no planejamento, quanto nas outras etapas do tema de casa: orientação, correção e avaliação, convêm considerar o contrato didático estabelecido entre professores e alunos e conseqüências deste com as famílias. A partir disso, visando à aprendizagem dos principais envolvidos nesse processo, os alunos. E porque não dos

professores e dos familiares também, uma vez que juntos almejam a qualidade da educação.

Para finalizar, a família sendo uma instituição importante para a aprendizagem e a humanização dos indivíduos, não pode ficar à margem dos acontecimentos da vida escolar dos filhos/alunos, inclusive dos temas de casa. Muitos estudos ainda precisam ser feitos sobre as relações entre temas de casa e famílias na sociedade do século XXI. Por enquanto, sabe-se que família e escola precisam construir laços de parceria, buscando o sucesso dos sujeitos que ambas defendem: as crianças e os jovens.

5. Agradecimentos

Agradecemos à direção da escola, aos alunos e a seus pais que proporcionaram condições para efetivar essa pesquisa. Além disso, a Universidade de Passo Fundo (UPF), a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financiaram o desenvolvimento desta pesquisa.

6. Referências

- CARVALHO, Maria E. P. de. O dever de casa como política educacional e objeto de pesquisa. *Revista Lusófona de Educação*. Lisboa, 2006, v. 8, p. 85-102.
- CARVALHO, Maria E. P. de; NASCIMENTO, Conceição dos S; PAIVA, Clotilde M. de. O dever de casa na sala de aula. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, 2006, v. 9, n. 2, p. 341-357.
- CARVALHO, Maria E. P. de; SERPA, Marta H. B. Dever de casa: visão de mães e professoras. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, 2006, v. 9, n. 1, p. 31-46.
- DAVÍDOV, V.; MÁRKOVA, A. La concepcion de la actividad de estudio de los escolares. In: *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS: Antología*. URSS: Editorial Progreso, 1987. p. 316-337.
- FERNANDES, Elisângela. A hora de estudar sozinho e ver o que aprendeu. *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano 26, n. 243, p. 44-51, jun./jul. 2011.
- GONÇALVES, Romanda. *Didática Geral*. 6. ed. enriquecida de novos assuntos, atualizada e refundida. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1969.
- LIBÂNEO, José C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- NOGUEIRA, Martha G. *Tarefa de casa: uma violência consentida?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NÉRICI, Imídeo G. Didática: uma introdução. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1988.

PADILHA, Heloísa. Tipologia do dever de casa. *Revista)Per)cursos*, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, fev. 2005. Disponível em: <<http://www.linhamestra.com/percursos/05helo.html>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

PAULA, Flávia A. de. *Lições, deveres, tarefas, para casa: novas e velhas prescrições para professoras*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PELLEGRINI, Denise. Oba, Lição de casa! *Revista Nova Escola*. São Paulo, n. 122, ano XIV, mai. 1999.

RESENDE, Tânia de F. Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa. *Paideia*, 2008, n. 18, p. 385-395. Disponível em: <www.scielo.br/paideia>. Acesso em 2 jul. 2012.

VIGOTSKII, Lev. S.; LURIA, Alexander. R.; LEONTIEV, Alex. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.

VIGOTSKI, Lev. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEINBERG, Mônica; BORGES, Marana. Lição de casa para os pais. *Revista Veja*. São Paulo, ed. 2124, 5 ago. 2009.

WIEZZEL, Andréia C. S. tarefas de casa: reprodução ou construção do conhecimento escolar? *Coloquium Humanarum*, presidente Prudente, v.1, n.1, p. 88-100, jul./dez., 2003.

WOOD, David. *Como as crianças pensam e aprendem: os contextos sociais do desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Loyola, 2003.